

ELEGIA

Á MORTE DE SUA MAGESTADE A RAINHA D. STEPHANIA

DE SAUDOSA MEMORIA.

Quando Deus quer mostrar como lhe é cara
Virtude que, exemplar, não desmentida,
A tantos adoçou na sorte avara
Desgostos, precisões de amarga lida;

Que, não vendo o mesquinho, o desvalido,
Achegar-se importuno aos pés do throno,
Descia a dar-lhe a mão, prestar-lhe ouvido,
Ante o Regio Consorte a ser-lhe abono;

O anjo chama a si, que disse ao mundo
Dos annos verdes seus no devaneio:
« Só no Empyreo se goza um bem jocundo
Na gloria perennal, que adoro e creio. »

Embora aureo diadema lhe cingisse
A frente augusta mais formosa que elle,
Devotos corações embora visse;
O amor, o dedicado amor d'aquelle,

Que sobranceiro, e muito, ao solo avito,
É homem, de chorar se não dedigna;
Prematura viuvez o punge afflicto,
Anhela a Esposa só de cultos digna.

É morta para nós: ao ceo subida,
De que inda ha pouco, nosso bem, descêra,
Deu-nos exemplos na ajustada vida,
Deu-nos consolações. Que mais nos dera?

Nova estrella reluz no firmamento.
É rude, ó patria, é trabalhosa a vida;
Correl-a é teu dever, não falte o alento:
A que foi teu modelo, é já teu guia.

Lisboa 20 de julho de 1859.

ANTONIO XAVIER DE BARROS CORTE-REAL.

SAUDADES

Meiga, risonha flor, o amor a conduzira
Dos jardins da Germania ao throno portuguez!
Tudo hontem a abençoava! E hoje tudo suspira!
Hoje resta a orphandade e a triste viuvez!

Desfizeram-se em pranto as pedras do diadema:
A grinalda nupcial perdeu o viço e a côr:
E esse nome, de amor e caridade emblema,
Emblema se tornou de sentimento e dor!

Converteu-se o diadema em c'roa de martyrio,
O thalamo em sepulchro, o riso em afflicção:
E essa flor celestial, branco e innocente lyrio,
Desfeita hoje rolou nas prégas do tufão!

Sumiu-se como um sonho o angelico sorriso
D'essa que era entre nós toda virtude e amor!
Azas brancas abriu, subiu ao Paraiso,
E hoje reza por nós aos pés do Creador!

Prantêam Tejo e Douro a rosa da Germania;
Do patrio Sans-Souci prantêam-n'a os rosaes;
Prantêa-a a Natureza! o nome de STEPHANIA
Não se ha de em corações esvanecer jámais!

Eil-a! murchou! morreu! risonha flor de esp'rança!
Resta a amargura e a dor, o lucto e a viuvez!
Mas do anjo celestial não murchará lembrança!
Não morrerá saudade em peito portuguez!

X.

JOSÉ FERREIRA BORGES.

IV.

Tantas occupações não desviavam Borges de proseguir assiduamente em aperfeiçoar e polir o seu *Codigo commercial*. A continua applicação que taes tarefas exigiam, e a necessidade de trabalhar a maior parte do tempo á luz do candieiro, mórmente nas longuissimas noites do inverno, foram-lhe consumindo a pouco e pouco a faculdade visual. Fiado na propria robustez, e dominado pela idéa fixa de concluir quanto antes a obra monumental em que se empenhára, eram para elle inuteis as representações e conselhos da esposa, e dos amigos, que de continuo lhe ponderavam a necessidade de abster-se de tão porfiados estudos. Assim, pois, em vez de moderar-se, recorreu a meios indiscretos para augmentar a intensidade da luz, e engrandecer os objectos, usando de lentes convexas de gráo mui elevado, as quaes apressaram a sua ruina, roubando-lhe dentro em pouco a vista que ainda lhe restava, e reduzindo-o ao estado de tornar-se-lhe impossivel a menor applicação. Felizmente para elle, o *Codigo commercial* achava-se a esse tempo já de todo organisado.

A situação politica de Portugal havia entretanto variado notavelmente com a restauração de Lisboa no dia 24 de julho de 1833, que assegurava á causa constitucional todas as probabilidades de decisivo triumpho; e José Ferreira Borges, que já em 8 de junho do mesmo anno endereçára ao senhor D. Pedro o projecto do *Codigo*, com a dedicatoria que depois se imprimiu á frente d'este, apressou a sua partida para a patria, e desembarcou em Lisboa no principio de setembro.

Não quiz o duque de Bragança, como regente, protrahir a satisfação e agradecimento da divida em que Portugal se achava para com aquelle benemerito filho. O projecto do *Codigo* foi para logo approvado, e mandado observar como lei n'estes reinos e seus dominios; e como testimunho de apreço aos serviços de seu autor, foi este pela carta regia de 18 de setembro nomeado supremo magistrado do commercio, e juiz presidente do tribunal commercial de segunda instancia, creado por decreto da mesma data; «Isto sem prejuizo (palavras formaes da dita carta regia) de qualquer reconhecimento, ou galardão, que as cortes houvessem de decretar.»

Investido Ferreira Borges no exercicio do novo cargo, deu-se a desenvolver e pôr em pratica as disposições organicas do seu *Codigo*, ora convertido em lei vigente do paiz. Em conformidade com ellas, organisou a praça do Commercio de Lisboa, e pouco depois a do Porto, para onde se transferiu pessoalmente no mez de julho de 1834. O resultado dos seus trabalhos consta do relatorio que em 19 de março do anno seguinte elevou á presença da rainha, a qual, por uma honrosa portaria de 22 de abril, houve a bem reconhecer e louvar os serviços prestados.

Os seus compatriotas portuenses lhe deram tambem por este tempo testimunhos relevantes de consideração e estima, conseguindo até que, em obsequio ao illustre magistrado, se denominasse rua de Ferreira Borges a que se abriu de novo, para desaffrontar o edificio do convento incendiado de S. Francisco, onde foram estabelecidos o tribunal e praça do commercio, e mais dependencias annexas, facilitando a immediata communicação com a cidade baixa.

Porém, desgraçadamente para elle, a vista que, como acima se disse, começára a faltar-lhe nos ultimos annos, ía-se-lhe extinguindo gradualmente de dia para dia. Exhaustos sem fructo os recursos e esforços da arte, com que amigos sinceros e dedicados fizeram todo o possivel para conservar-lhe alguma porção d'aquelle precioso sentido, veiu a perdel-o de todo, e sem esperança de remedio, em meiado 1835. Esta perda o tornava inconsolavel, privando-o do exercio habitual, contrahido durante longos annos, de empregar a maior parte do tempo na leitura e na escripta. Subia a tal ponto a insoffrivel impressão causada pelo seu estado, que a miudo o viam caído em accessos deploraveis de profunda exasperação e monomania; e ainda quando estes apparentemente cessavam, ficando como que restituido á sua situação normal, nem por isso deixava de manifestar nos gestos e nas expressões o pesar insupportavel, que lhe amargurava a existencia.

Para não succumbir de todo, servia-se dos seus familiares e amigos, aos quaes fazia ler diariamente as obras de novo publicadas, e as que enchiam as estantes da sua numerosa e bem provida bibliotheca. Aqui lhe valia por muito a propria reminiscencia, que era tal que, havendo mister consultar algum auctor, elle não só indicava o sitio preciso da estante onde devia achar-se o livro, mas até ás vezes a pagina onde cumpria procurar a materia sujeita.

Continuava todavia no exercicio de suas funcções publicas, sem que deixasse d'entreter activa e permanente correspondencia, já com o governo, já com os tribunaes a seu cargo; dictando com prompta expedição officios, representações, projectos, e outros papeis de cunho official; e ainda materia para publicações litterarias; pois foi n'esse anno de 1835, e no estado em que o pintâmos, que dictou e coordenou a obra que imprimiu no Porto, com o titulo: *Das fontes, especialidade e excellencia da administração commercial, segundo o Codigo.*

O governo, tendo em consideração os seus valiosos serviços, não só lhe concedeu, por decreto de 7 de julho do dito anno, as honras de conselheiro de estado, mas permittiu-lhe, em portaria de 16 de septembro, em attenção ao seu estado, que nas correspondencias officiaes de qualquer natureza assignasse tão sómente o seu appellido.

Assim proseguia com zêlo e actividade, tal como suas forças o comportavam, no intricado expediente dos negocios, cuja superintendencia lhe estava commettida, quando a imprevista revolução de 9 de septembro de 1836 veiu alterar repentinamente as instituições fundamentaes da monarchia, substituindo á carta de 1826 a constituição de 23 de septembro de 1822, e proclamando a convocação de cortes constituintes para a modificarem.

José Ferreira Borges acabava de ser eleito pelo Porto deputado á camara, que por aquelle facto não chegou a reunir-se. As suas idéas e doutrinas politicas haviam sido em parte transformadas com a experiencia e volver dos annos, e eram então mui diversas das que sustentára n'outro tempo. Já na carta 49.ª das que formam a collecção intitulada *Correio interceptado*, datada do 1.º de junho de 1826, dera elle a conhecer o muito que o descontentavam certas disposições organicas da constituição de 1822; e assim, em vez de applaudir e saudar a reapparição d'esse codigo, cuja feitura lhe devêra tão assignalado e grandioso contingente, considerou a nova adopção d'aquelle pacto como um successo funesto, marcado com o cunho da illegalidade, e digno de severa reprovação. Intendeu que era incompativel *com a sua honra, com os seus conhecimentos, e com o seu nunca desmentido caracter* prestar o juramento que de todos os funccionarios publicos se exigia á nova constituição do estado: e julgou-se por conseguinte forçado a resignar nas mãos de sua magestade a rainha os logares de magistrado supremo do commercio, e presidente do tribunal commercial de segunda instancia. N'este sentido, pois, dictou a *Representação* datada de 16 de septembro, a que deu

publicidade por meio da imprensa: n'ella insistia nas razões do seu procedimento, e nos motivos que o impelliam áquelle passo. Não se demorou a solução d'este negocio: e por decreto de 19 do referido mez, referendado pelo ministro das justiças Vieira de Castro, foi-lhe dada a exoneração que pedira.

A este golpe (já de si bem doloroso, pois além de patentear o injusto desprêzo em que eram tidos os seus longos e trabalhosos serviços, cerceava-lhe os meios de subsistencia, a ponto de tornal-o outra vez dependente das liberalidades de um irmão, prompto sempre a soccorrel-o) seguiu-se com breve intervallo outro, não menos pungente, e que muito concorreu para exacerbar a sua lastimosa situação. Pelo decreto de 30 do dito mez ouviu que a sua obra estava desmanchada, e desorganisado o systema de administração commercial, tal qual elle o concebêra e fundára!

Reduzido ao estado de simples particular, sem bens e sem fortuna propria, padecendo violentos e repetidos ataques nervosos, e lastimando cada vez mais a perda da vista, que em similhante conjunctura se lhe tornava ainda mais sensivel, Ferreira Borges só entrevia esperanças de salvamento para si e para a patria na destituição de um governo que, no seu entender, conduzia sem remedio a nào do estado a sepultar-se rapidamente nas voragens da anarchia. Bem longe de o julgarmos estranho ás combinações e esforços empregados pelo partido cartista para restabelecer de novo as instituições abrogadas em 9 de septembro, póde-se affirmar com certeza que elle concorreu directa e activamente com a sua influencia pessoal, com o seu conselho, e com a sua penna para a realisação dos planos que produziram a tentativa reaccionaria começada na Ponte da Barca em 12 de julho de 1837, e terminada em outubro do mesmo anno pela convenção de Ruivães.

O inopinado desfecho d'este ensaio lançou por então os vencidos em total desalento e consternação, tirando-lhes até a possibilidade de provarem novamente as suas forças: e Ferreira Borges, que sentia a propria saude cada dia mais arruinada, participando da desanimação geral, resolveu-se em fim a saír de Lisboa, e ir procurar na casa do seu nascimento um socêgo e confôrto, que n'outra parte mal podia esperar.

Eil-o, pois, entrado no Pôrto em 2 de dezembro de 1837; porém em que estado? sem vista, arruinado de saude, victima dos terriveis insultos nervosos, que de dias em dias o flagellavam; e tendo por unico lenitivo nos intervallos de descanço que a molestia lhe deixava, o de entreter-se com as pessoas que lhe eram mais conjunctas por vinculos de parentesco ou de amizade, ora escutando a leitura de alguns livros que escolhia, ora em familiar conversação, commemorando com saudosa reminiscencia os successos do seu tempo, ou discorrendo sobre as letras e sciencias, em que era tão profundamente versado.

A final as cortes constituintes, tendo concluido a constituição, e achando-se em vesperas de seu encerramento, lembraram-se de pagar uma divida nacional, e quizeram pôr o sêllo aos seus trabalhos com um acto espontaneo de justiça. Sobre proposta do sr. Passos (Manoel) assignada por elle e por mais quarenta e oito deputados, apresentada e declarada urgente na sessão de 3 de abril de 1838, o congresso decretou para o auctor do *Codigo commercial* a pensão de 800$000 rs. em quanto vivo fosse. Mesquinha recompensa na verdade, se se compara á grandeza do serviço; mas não tanto, se se attende ao espirito de economia que se desenvolvêra n'aquelle periodo, e á escacez dos recursos do thesouro. Esta pensão foi depois, segundo creio, continuada no todo, ou em parte, á viuva do agraciado.

Ferreira Borges pouco tempo a desfructou. Victima dos seus padecimentos, falleceu aos 14 de novembro de 1838, e baixou ao sepulchro sem fitas nem condecorações!

A inveja e a rivalidade, mais de uma vez conjuradas em seu damno durante a vida, e que talvez concorreram, e não pouco, para amargurar-lhe a ultima quadra dos seus dias angustiados, devem ter já cedido o campo a affectos mais nobres; e depostos que sejam os odios e divergencias politicas, a posteridade fará sem duvida ao seu nome a justiça devida, collocando-o entre os dos varões benemeritos, que honraram o seu paiz e a humanidade, e adquiriram direito á gratidão e estima das gerações futuras.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

PARENTAES; FESTAS FUNEBRES ENTRE OS ROMANOS A 18 DE FEVEREIRO.

(Excerpto da traducção dos Fastos de Ovidio por A. F. de Castilho).

Ouvi! ouvi! os tumulos nos chamam!
Almas de nossos paes, sêde applacadas!
Não pedem ricos dons as pobres cinzas;
pouco lhes basta; não se negue o pouco:
acceitam por thesoiro um brando affecto.
Cubiça, é dos mortaes; não é dos mortos;
os deuses d'além-mundo a desconhecem;
basta aos finados a singela telha,
onde os seus vão lançar-lhe as floreas c'roas,
uns grãos de farro esparso, uma pedrinha
d'alvo sal, uma sopa em vinho puro,
e um só punhado de violetas soltas;
tudo isso, em meio da trilhada via,
n'um vaso tosco de vermelho barro.
Mais preciosos dons não vos prohibo;
mas já com estes applacais as sombras,
uma vez que accendendo-lhes seus lumes,
lhes deis as orações, e as phrases proprias;
ritos piedosos, que o piedoso Eneas
ás terras de Latino ha trasladado.
Vendo que heroe tamanho ao patrio genio
solemnes oblações apresentava,
povos bons adoptaram-lhe o costume:
uso, amor, e saudade o consagraram.
Viu-se comtudo nos antigos tempos,
durando longo o vórtice das guerras,
esquecer, preterir-se a pia usança:
sim; mas viu-se tambem fatal flagello
das festas parentaes vingar a injuria;
de lá veiu, se diz, que nos suburbios
foram as pyras funebres tão bastas,
que seu lume affrontára a Roma inteira.
Agro se faz de crer; mas tambem narram
que lá pela calada da alta noite
saíam do sepulchro a lamentar-se
de nossos paes esqualidos espectros;
que pelas ruas da cidade attonita
que pelos campos italos se ouviam
ullular turbas vãs d'aereas fórmas.
Escarmentado o povo, as interruptas
honras volveu aos tumulos, por onde
cessaram para logo as maravilhas;
e a brava morte recolheu o açoite.

Vós, que a viuvez tomou na flôr dos annos,
e que, saudosas dos passados gostos,
cubiçais renovar de amor os laços,
temei as *Parentaes*, temei-lhe o influxo;
aguardae que Hymeneo co'os pineos fachos
em dias puros vos adite a boda.

Tu, donzellã, tu, flôr, que olhos maternos
julgam já na sazão de ser colhida,
e por ver-te empregada estão cuidosos:
não consintas por ora ás mãos do amante
que os virgineos cabellos te divida
hasta recurva, do noivado emblema.
Deus dos consorcios, teus brandões retira:
não queiras, t'os accenda, e te funeste
o feio lume, que preside aos mortos.
Nem só tu; deus nenhum se amostre ao povo;
não se abra templo; não rescenda fumo;
não luza fogo em sacrosantas aras,
n'este prazo fatal; que andam por fóra
as subtis almas e os defunctos corpos,
do offertado banquete a aproveitar-se.

Não devem entretanto estas obsequias
ultrapassar o mez; contais seus dias,
se aos versos meus as syllabas contardes.
Da *afferencia* dos dons ás sepulturas,
se nomeou *Feral* o extremo dia,
em que a filial piedade applaca os mortos.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

V.

A MATERNIDADE.

V.

Em dois extremos egualmente perigosos incorrem em geral as mães, no que denominam educação das filhas: rigor excessivo, ou excessiva indulgencia.

O primeiro produz hypocrisia; o segundo desenvolturas: d'estes dois vicios, o segundo é o mais desagradavel; o primeiro o mais repugnante.

As mães são desmemoriadas quando condemnam as filhas a uma horrivel escravidão; quando lhes prohibem os passatempos mais licitos, esquecem talvez a sua propria historia: esquecem que mais viram os seus dois olhos, quando amavam ás escondidas, que os cem olhos de Argos da mãe que as vigiava.

Essa vigilancia indiscreta occasiona os casamentos novellaticos, e os vergonhosos expedientes de discordia.

A condescendencia excessiva relaxa os vinculos mais estreitos, e torna ridiculas mãe e filha.

Na educação beata de outro tempo, as filhas hombreavam com as mães em gravidade e affectação. Nos costumes de hoje em dia, hombream as mães com as filhas em leviandade e garridice: tão censuravel é um como o outro extremo; o primeiro leva, comtudo, uma vantagem ao segundo: a barateza; n'um manto a arrastar e n'um ramal de contas, cifrava todo o uniforme; donzella de mais vontadinhas, dava-se por contente com um breve de marca e seu agnus-dei de alcorça.

Mas o segundo extremo, que principia por mirar a boa fama, conclue com dar cabo da fazenda.

Um conselho ás mães que o necessitem. O frenezi de pôr as filhas com dono, é um vicio como os que o são; mas tem de mais a pecha de dar logo na vista; a mocidade superficial dos nossos dias, que reduz todos os seus estudos ao estudo das physionomias, descobre logo esse vicio.

E sabem essas mães insoffriveis o que diz a tal mocidade nos seus conclaves? Não é para atraiçoarmos, nem como transfugas ao exercito inimigo, que a essas taes mães o vamos revelar.

Dizem elles ser boa presa a que se toma com armas eguaes á astucia velhaca.

Dizem que de mãe sisuda bem póde ser nasça filha leviana; porém que de mãe leviana, é quasi impossivel que nasça filha sisuda.

Dizem que as alfaias de grande valor depressa tem saida nos bazares.

Dizem, em fim, que contra o vicio da impaciencia só ha uma virtude: a tranquillidade.

VI.

Será verdade haver mulheres que desamparam os filhos?

É muito verdade, ainda que o não pareça.

Ha-as.

Ha-as; porém d'essas são por força mães organisadas differentemente da outra gente: falta-lhes uma entranha.

Um crime guia a outro crime: quem deu causa ao primeiro, é de certo modo responsavel por todos.

Não é tanto horror, como lastima e nojo, que em nós causam essas malaventuradas que negoceiam com a maternidade; as que entregam ao deus dar os seus proprios filhos para se alugarem aos filhos de outra mulher; para venderem por dinheiro o succo do seu peito.

Estes entes habitam, como diria Campoamor, no *polo do infinito positivo*; porém mui proximos da linha equatorial que o divide do *negativo*: estão tocando no *instincto*.

VII.

Concluamos.

O sentimento da maternidade é de todos os tempos e de todos os paizes; comtudo, o christianismo o aformoseou e sublimou: entre a Andrómaca de Homero, ou a de Euripides, ou a de Virgilio, e a Andrómaca de Racine, existe notavel differença.

Na Andrómaca dos primeiros, descobre-se a mãe; porém a mãe, como diz Chateaubriand, ao gosto grego e romano. A Andrómaca de Racine tambem é mãe; porém mãe mais sensivel, mais interessante, mais terna; n'ella se vê, acrescenta o illustre poeta, a natureza correcta, a natureza mais formosa, a natureza evangelica.

O amor da mãe christã é a synthese de todos os amores castos e puros.

A mãe é a nossa providencia sobre a terra nos primeiros annos da vida: o nosso mais seguro arrimo nos annos seguintes da meninice; a nossa amiga mais terna e mais leal nos annos tempestuosos da mocidade.

O amor materno é o unico amor que nunca nos engana; o unico amor em cujo horisonte sereno e transparente nunca apparece a nuvem dos ciumes.

A mãe é o dom de mais preço que o ceo nos póde outhorgar.

Com muita razão escreveu Guerreiro na sua linda novella estas singelas e poeticas palavras:

«Não póde chamar-se infeliz o homem que, ao nascer, recebe de sua mãe o primeiro beijo; que encontra, durante a vida, a mão de sua mãe para o coroar em suas glorias, e para lhe enxugar o pranto; e que ao fechar para sempre os olhos, vê que recolhe o seu ultimo suspiro quem recolheu o seu primeiro alento.»

Nunca é malvado o que sua mãe adora,

disse um dos primeiros poetas da edade presente:
E os poetas são os interpretes do coração.

(*Continúa.*)

BRITO ARANHA.



Victor Manuel. —Gravura de Coelho.

Victor-Manuel-Maria-Alberto-Eugenio-Fernando-Thomaz;

Rei de Sardenha, de Chypre e de Jerusalem;

Duque de Saboia, de Genova, de Monferrate, de Aosta, de Chablai, e de Placencia;

Principe do Piemonte e de Onelha;

Marquez de Italia, de Sallucio, de Ivrêa, de Suza, de Ceva, do Maro, de Orifão, de Cesana, e de Savona;

Conde de Maurienna, de Genova, de Niça, de Tenda, de Romonte, de Asti, de Alexandria, de Goceano, de Novara, de Tortona, do Vigerano e de Bobbio;

Barão de Vaud e de Vaussigny;

Senhor de Vercelli, de Pignerole, de Tarentesa, de Lumellino, e do Valle da Sesia, etc.

Comprouve-se a fortuna de accumular titulos n'este homem; deu-lhe a natureza com que os legitimar ainda maiores; Victor Manuel é mais que um monarca filho de outro monarca: é um rei liberal filho de outro rei liberal; é um heroe filho de outro heroe.

Hoje que todo o mundo está attonito das grandes,

fecundas e quasi incriveis cousas passadas na Italia, temos que será agradavel aos nossos leitores, ao mesmo passo que lhes mostrâmos a effigie de tamanho principe, apontarmos de corrida alguns pontos da sua biographia.

Nasceu o principe Victor Manuel aos 14 de março de 1820, filho do grande e infeliz Carlos Alberto e da rainha D. Theresa, filha de um grão-duque da Toscana. Foi educado tanto para as sciencias como para as armas. A severidade marcial da sua criação temperou-o a tempo com que resistir depois ás fadigas e tremendas provações das guerras em que tem sido parte.

Era ainda simples duque da Saboia, quando desposou em 1842 a archiduqueza de Austria Maria-Adelaide-Francisca-Isabel-Reiniera-Clotilde, princeza por suas virtudes mui digna do extremoso amor que n'elle achou.

Travada em 1848 desastrosa lucta da Sardenha com a Austria, commandou sob as ordens de el-rei seu pae a brigada de Saboia; acompanhou-o nas batalhas; assignalou-se em muitas d'ellas, e nomeadamente na feliz victoria de Goïto, d'onde saíu gravemente ferido n'uma coxa.

Veiu a fatal jornada de Novara; era a 23 de março de 1849. Carlos Alberto, vencido pelo numero, abdica em seu filho o throno da Sardenha. Rei aos vinte e nove annos; rei de um paiz assolado; rei mal olhado pelos subditos que injustamente o julgavam por seus mestres, os jesuitas, e por sua mulher, a austriaca, a elle, italiano de coração, e liberal de toda a alma, soube preencher com dignidade o seu officio: regeu com mão robusta a desnorteada náo do estado atravez dos temporaes; cercou-se de ministros da sua estatura moral, commetteu e perfez em boa parte reformas assisadas na administração, no exercito, na instrucção, na marinha. Mereceu pelo seu arrojo, pela liberalidade das suas idéas e obras, a excommunhão papal, contra a qual protestou n'um bem conhecido *memorandum*.

Veiu a guerra do Oriente; era com outros homens e para interesse alheio, nova campanha do direito contra a prepotencia, da liberdade contra a escravidão; teria voado por gosto, palladino aos campos da Criméa; o dever o encadeava ao throno: mandou a militarem com os alliados dezesete mil dos seus valentes, commandados por La Marmora.

Este serviço prestado á França contribuiu talvez, se bem que em politica o interesse explica muito mais factos que a gratidão, para a resolução com que vimos ha dois dias a França coadjuval-o no seu hereditario empenho de subtrahir a Italia á dominação de forasteiros.

Com que habilidade! com que denodo! com que virtude! Victor Manuel se houve n'esta campanha, ha poucos dias terminada ou interrompida (o adjectivo aqui só Deus o saberia pôr) todos nós o presenceámos; o seu exercito foi mais que de italianos: foi de romanos resuscitados; a alma extraordinaria do chefe reluzia em todos os combatentes; obteve glorias inesperadas, quasi incriveis; e a maior de todas havera sido o desenvolvimento da antiga virtude italica em povos que só se julgavam aptos para as artes e para as festas; reconheceu-se, graças a elle, que sobre aquelle solo de ruinas antigas e de ruinas hodiernas, existe realmente de que se constituir, se não uma nacionalidade compacta, uma confederação de povos liberaes e irmãos, uma independencia forte e inoffensiva, que não attentará contra os direitos de nenhuma nação, mas contra os direitos da qual nenhuma nação possa tambem attentar; n'uma palavra, um paiz de benção e de prosperidade.

É Victor Manuel de estatura muito acima da regular, bem proporcionado e válido de membros; rosto marcial; soberano e affavel ao mesmo tempo; magestoso e fino. O bigode e a pera que lhe sombream a face são uma das suas feições que mais contribuem para o effeito geral da sua physionomia. Traja com simplicidade; é sobrio na mesa, desprezador do luxo e do fausto, despegado dos bens da fortuna, fiel nas affeições, apreciador dos meritos, religioso, mas adverso ao fanatismo, sobre tudo ao fanatismo que tyrannisa, além de embrutecer; e pelo que toca a liberal e patriota, as suas provas estão dadas, e de sobejo.

Que haverá de se escrever na ultima pagina da sua vida? possa ella ser mais prospera que a ultima da vida de seu pae, d'esse nosso pobre amigo, que, não tendo podido remir a sua patria, quiz vir ao menos expirar em terra de homens livres, na cidade eterna, junto ao coração de D. Pedro, no Porto.

ESTUDINHOS DE LINGUA PATRIA.

GALLICISMOS.

Chamâmos *gallicismo* a qualquer palavra, phrase, ou construcção, que, vindo do francez, desdiz do nosso usual fallar e ouvir.

O *gallicismo* de palavra ainda em alguns casos póde ser admissivel. Muitos vocabulos são já hoje portuguezes, que eram exclusivamente francezes, não ha ainda muito. O que em relação a elles se póde estabelecer por doutrina mais sã, e que melhor conforma com a pratica dos nossos bons escriptores, é que se não vá buscar dicção franceza que diga o mesmo, e ás vezes menos que outra, que pertence legitimamente ao nosso vocabulario; quem tal faz só prova ou ignorancia, ou mingua de bom gosto.

Do *gallicismo* de phrase quasi que outro tanto se póde dizer.

O pessimo de todos os gallicismos, o mais frequente, o que já vái tanto de foz em fóra, que nem nos arriscâmos a futurar se haverá diligencias que lhe tenham mão, é o gallicismo de construcção e contextura de periodo.

Foram n'esta parte os primeiros e mais atrevidos devastadores da nossa guapa lingua os que, sabendo muito pouco d'ella, e muito poucochinho tambem de francez, se metteram na empreitada de nos passar quanta novella nascia ou abortava da França para uma photografacção em papel da Louzã ou da Abelheira, só com leve alteração nas desinencias. Á quadrilha dos traduzidores de romances seguiu-se a dos traduzidores e imitadores de dramas, comedias e farças, e a esta a dos traduzidores de artigos e noticias de periodicos estrangeiros. Claro está que, estabelecendo nós estas generalidades, desabridas mas justas, sempre deixâmos um postiguinho de refugio para as excepções. Assim não nos venham tomar contas de offendidos, aquelles com quem a censura não contende.

Uma differença caracteristica dos periodos francez e portuguez, é esta: que o francez se adstringe, quasi sem excepção, á chamada ordem grammatical, collocando primeiro o sugeito, depois o verbo, por ultimo o complemento, quer este seja attributivo, quer objectivo; isto é, ou designe predicado ou paciente, segundo a natureza neutra ou transitiva do mesmo verbo. O portuguez quanto mais genuino, tanto mais propende para pôr primeiro o verbo, e depois o seu agente; e se constantemente o não faz, é porque algumas vezes lh'o embarga a suprema lei da clareza, outras a da harmonia.

Assim, quando o francez diz: LE ROI ÉTAIT A CETTE

ÉPOQUE A VERSAILLES; o portuguez traduz: *Estava el-rei n'aquelle tempo em Versailles.*

IL LE PRIA DE L'ÉCOUTER. *Pediu-lhe elle que o ouvisse*, ou, *pediu-lhe o ouvisse.*

CETTE INVENTION A ÉTÉ UNE DES PLUS AVANTAGEUSES. *Foi este invento um dos mais prestadios*; ou, *foi este um dos mais prestadios inventos*; ou, *dos inventos mais prestadios um foi este*; ou, *invento foi este dos mais prestadios.*

Para este caso ainda haveria mais variantes, desenganadamente preferiveis por parte da vernaculidade, áquella forasteira construcção.

Assim como acabâmos de ver que o nosso uso prefere a anteposição do verbo ao sugeito, assim se póde observar que tambem o complemento do verbo se lhe prepõe com muito acerto; e para não irmos trazer os exemplos de mais longe, ahi vão alternadas phrases da oração dominical n'uma e n'outra lingua:

QUE VOTRE NOM SOIT SANCTIFIÉ; sugeito, verbo, attributo; *Sanctificado seja o vosso nome;* attributo, verbo, sugeito.

QUE VOTRE RÈGNE ARRIVE; sugeito, verbo; *Venha a nós o vosso reino;* verbo, sugeito.

QUE VOTRE VOLONTÉ SOIT FAITE SUR LA TERRE COMME AUX CIEUX; sujeito, verbo, complemento attributivo; *Seja feita a vossa vontade assim na terra como no ceo;* verbo, complemento attributivo, sugeito.

DONNEZ NOUS AUJOURD'HUI NOTRE PAIN QUOTIDIEN; verbo, complemento adjectivo; *O pão nosso de cada dia nos dae hoje;* complemento objectivo, verbo.

Outra liberdade nossa, de que nos querem a toda a força despojar, e que nós devemos forcejar por manter a todo o custo, é a de omittirmos o sugeito, todas as vezes que elle não póde deixar de se intender. Assim o *eu*, o *nós*, o *tu*, o *vós*, o *elle*, o *elles*, o *ella*, e o *ellas*, com que o pobre do francez anda todo empecilhado, quasi que não apparecem na escripta de quem sabe o que é portuguez.

O francez diz: *je vins, je vis, je vainquis;* o portuguez: *cheguei, vi, venci.*

O francez: *tu es un lâche; tu a battu une femme; tu n'est pas digne de porter le nom d'homme;* o portuguez: *covarde és; espancaste uma mulher; não mereces nome d'homem.*

O francez: *je lui ai dit que si elle voulait elle pouvait bien déjouer ce piége qu'elle m'avait tendu;* o portuguez: *disse-lhe eu, que se ella quizesse, bem podia destramar o laço que me armára.*

Com as suppressões d'esta especie, incurta-se notavelmente a escripta, e sái logo muito mais elegante.

Os possessivos dos pronomes: *eu, tu; nós, vós; elle, ella; elles, ellas*, inçam não menos e carcomem o francez, e d'elle se tem pegado nojentamente ao portuguez; evitem-se pois, com egual cuidado e o mais que ser possa, os adjectivos: *meu, minha; meus, minhas; nosso, nossa; nossos, nossas; teu, tua; teus, tuas; vosso, vossa; vossos, vossas; seu, sua; seus, suas;* que será outra grande economia, elegancia, e correcção.

O francez que diga, CE QUE JE SENS DANS MON COEUR; o portuguez: *o que sinto no meu coração;* o francez: NOUS AVONS DANS NOTRE AME, DES FACULTÉS ADMIRABLES; o portuguez; *temos na alma admiraveis faculdades;* o francez: TU AS TON AMI, TA FEMME, TES ENFANTS; o portuguez: *tens o amigo, a mulher, os filhos;* o francez: VOULEZ-VOUS CONSERVER VOTRE REPOS, VOTRE BONHEUR? CONSERVEZ VOTRE VERTU; o portuguez: *quereis conservar descanço, e ventura? conservai a virtude;* etc.

Concluâmos affirmando, que, por mais pobres que sejais de termos portuguezes, de chistes, donaires, e primores da lingua, bastará observardes com attenção estes dois faceis preceitos, para que o vosso escrever tome logo um certo sabor de vernaculidade, muito apetitoso para a nossa gente;

1.º preceito: Refogar do discurso os atravancos dos pronomes e dos possessivos;

2.º preceito: Collocar os termos que vos restarem em ordem diversa da franceza, e mesmo contraria; aqui fugir do francez, é chegar para o latim; e chegar para o latim, é adquirir novos meios para produzir com o discurso bizarros effeitos artisticos e até logicos.

ARDOSIAS ARTIFICIAES.

Desde que, ha já annos, começámos a intender no grave e complexissimo negocio publico da instrucção elementar, reconhecemos a urgente necessidade de se multiplicarem por baixo preço os aviamentos indispensaveis para as escolas. Quizeramos baratissimos os livros primarios (e mesmo todos), os traslados, o papel, as ardosias, etc.

Para economisar a verba mui avultada do papel nas escriptas de estudo, forcejámos por introduzir os papeis-vidros, que algum dia se hão de generalisar, quando soubermos e podérmos fabrical-os menos imperfeitos e mais em conta.

Pelo que pertence ás ardosias, forcejámos debalde para que as fizessem de todas as dimensões convenientes com asphalto os que trabalham n'essa materia; como era coisa nova, chamaram-lhe impossivel, até que o impossivel d'elles o vimos um dia realisado: o sr. Leal, com laboratorio chimico ao largo do Carmo, fez para seu uso um quadro de asphalto de vastas dimensões, que acceitava e dimittia, tão bem ou melhor que as ardosias ordinarias, a escripta com giz. É um fundo lustroso e d'um bello escuro, importa em pouco, e se por acaso se quebra, facilmente se concerta com lume e uma culhér de pedreiro. Muitas vezes recommendámos aquelle exemplo á imitação; não nos consta que mestre algum o aproveitasse. Tornâmos hoje a lembral-o.

Mas no *Jornal parisiense dos conhecimentos necessarios e indispensaveis*, do anno de 1839, encontrámos com est'outro modo de supprir as ardosias.

Derrete-se grude ordinario, que fique grossinho; barra-se com elle um cartão muito por egual; antes de seccar de todo pulverisa-se com pedra pomes em pó, esmeril, ou vidro pisado, e põe-se a seccar ao sol ou em estufa.

Bem entendido que o vidro, esmeril, ou pomes, se deve ter peneirado muito bem.

Em o cartão estando sêcco, aliza-se com um cilindro, e fica prompto. Querendo-se que arremede a côr da ardosia, é pintal-o com tinta de escrever.

As vantagens que esta ardosia bastarda leva á verdadeira são: barateza, leveza, menor fragilidade, e poder-se fabricar de qualquer tamanho; no demais escreve-se e risca-se n'ella como na outra com lapis de qualquer côr, gesso, ou gis.

Se algum fabricante curioso as quizer fazer, e tiver o bom juizo de as vender por preço modico, apresente-nos as suas amostras, e nós lhe promettemos recommendal-as devidamente ao uso das escolas de Portugal e do Brazil.

CATARACTA DO NIAGARA.

Não faltam pela superficie do globo cascatas, cachoeiras, catadupas, cataractas; a do Niagara leva a todas a primazia; mereceu os assombros de Chateaubriand, as homenagens de todos os viajantes em de-

senhos, em descripções, em poesias, em gravuras, em pinturas.

Corre o rio Niagara na America do Norte, entre os Estados-Unidos e o Canadá; é a cadeia de prata brunida, movediça e sonora, que prende o lago Erié ao lago Ontario.

A caudalosa torrente do rio encontra em seu caminho a ilhota chamada *das Cabras*, á borda de um despenho de cincoenta metros; alli se rasga, e debruçada se precipita ao baixo por uma e outra banda, cachoeira bipartida, ou cachoeiras que se abraçam delirantes n'uma só. A ilha que se prende á margem por uma ponte pensil figura-se a nadar na escarpa d'aquelle inferno liquido, que arrebata comsigo no salto arvores, cadaveres de animaes e penedos do seu proprio fundo. Na voragem lá em baixo se engole tudo, e mais a vista, e o animo do espectador.



Cataracta do Niagara.

A distancias muito apartadas se ouve rugir por traz do horisonte aquelle trovão de aguas.

A 12 de abril proximo passado, o ardido acrobata André Greenleas apostou atravessar em andas toda a extensão de meia cataracta, desde a margem do rio até á ilha das Cabras.

Vedam-nos as pequenas dimensões d'este semanario, offerecermos á admiração do leitor os interessantes pormenores com que o correspondente da *Illustração Franceza* acompanhou um desenho figurativo da perigosissima e gloriosa passagem do americano; gloriosa, repetimos, pois, ainda que esteril fosse o commettimento, mais que temerario, quasi suicida, comprovou mais uma vez um grande e utilissimo axioma: para a vontade desenganada não ha impossiveis.

Palavra do logogripho publicado no precedente numero — *Camarote*.

CARTA DO SR. CASTILHO.

Amigos e srs. proprietarios e editores do Archivo Pittoresco.

Peço-vos queiraes declarar na vossa folha, que, tendo-a eu redigido desde o numero 36 até ao recem-publicado numero 38 do corrente volume, me vi de repente, e não sem pena minha, impossibilitado de continuar com esta recreativa tarefa. Negocios forçados e mais graves estão chamando por todas as minhas horas.

Sou com toda a consideração, vosso etc.

23 de julho de 1859.

A. F. DE CASTILHO.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 47.